



## Abertura do Dossiê

Guanilce Falcão Soares<sup>1</sup>  
Jociel Vasconcelos Araújo<sup>2</sup>

Vive-se um novo tempo em que é fundamental sua sintonia com o desenvolvimento planetário. No Brasil, em especial, trata-se de um contexto no qual se coloca em evidência a Natureza, e nela a defesa e a reafirmação dos povos originários bem como a elaboração, implementação, execução e garantia de políticas públicas de Estado e a participação da sociedade civil organizada, em prol da proteção e preservação do meio ambiente.

O comportamento predatório que as sociedades industriais lidam com o meio-ambiente assenta suas raízes na falta de compreensão acerca de uma relação mais profunda que liga nossa constituição humana, fisiológica – ou natural – ao ambiente onde vivemos, convivemos e nos desenvolvemos.

Ao longo dos séculos, os povos indígenas, incansavelmente, vêm lutando para continuar o conhecimento herdado dos primeiros ancestrais, verdadeiros donos e cientistas das florestas. A luta dessa população segue nos dias atuais com os que sangram e defendem, com a própria vida, aquilo em que acreditam. Em relação àquele conhecimento ancestral dos

---

<sup>1</sup> Nilce Wuátikha é indígena originária do povo Tariana, seu povo e ancestrais habitam o extremo norte do estado brasileiro do Amazonas, mais precisamente nas áreas indígenas do Rio Uaupés no alto Rio Negro, na comunidade de Marabitana. É integrante do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena do campus de São Borja (UNIPAMPA). É pesquisadora-discente do Observatório de Direitos Fundamentais na perspectiva do Constitucionalismo, do Socioambientalismo e da Geopolítica Internacional (DGP/CNPq/UNIPAMPA). Acadêmica do Curso de Direito, campus de São Borja (UNIPAMPA).

E-mail: [guanilcesoares.aluno@unipampa.edu.br](mailto:guanilcesoares.aluno@unipampa.edu.br)

<sup>2</sup> Jociel Kuiwatê é indígena originário do povo Tariana, seu clã Kuiwatê habita o extremo noroeste do estado brasileiro do Amazonas, mais precisamente nas áreas indígenas do alto Rio Negro, Distrito de Yauaretê. É integrante do Programa de Educação Tutorial – PET/Saberes Indígenas e Bolsista na Atividade de Extensão Traçando Saberes e Fazeres Tradicionais do campus de São Carlos (UFSCAR). É pesquisador-discente do Grupo de Pesquisas Direitos Fundamentais, Socioambientalismo e Neoliberalismo (DGP/CNPq/UFOB). Acadêmico do Curso de Gestão e Análise Ambiental, curso de São Carlos (UFSCAR). E-mail: [jociel@estudante.ufscar.br](mailto:jociel@estudante.ufscar.br).

povos originários da América Latina, o que se tem comprovado cientificamente é que ele é incompatível com o sistema moderno tecnológico, o que o leva a ser ridicularizado. Assim, o tal sistema contraria e destrói a ciência indígena, vista como algo do passado, colaborando com a ideia de que este planeta não tem mais jeito.

Os conhecimentos ancestrais e as práticas tradicionais dos povos indígenas do Brasil sempre foram intimamente ligados à preservação do meio ambiente, seja no uso de métodos sustentáveis na agricultura, caça e pesca e no manejo florestal. Essas práticas sempre visam à subsistência das comunidades e à manutenção do equilíbrio ecológico. A relação entre sustentabilidade e povos indígenas representa um lugar de violação, acentuada nas últimas décadas, por causa da perda de terras, invasão de garimpeiros e, conseqüentemente, envenenamentos da água e do solo, sem falar na ameaça a nossa cultura, que desde a chegada dos missionários vem enfrentando essa problemática. Estar na comunidade nos últimos anos tem sido um desafio enorme para nós, no entanto resistimos, procurando soluções para revitalizar e manter a posse de nossas terras em parceria com ONGs e instrumentos como o Plano de Gestão Ambiental Territorial, Plano de Gestão Socioambiental, manifestações como o Acampamento Terra Livre, pelo direito de existir, pelo nosso direito territorial, a proteção das terras ancestrais, pelo respeito a nossa autonomia como cidadão, pela nossa garantia de acesso aos serviços básicos, como a educação e a saúde, nosso patrimônio cultural. Fazemos parte do ecossistema, conscientizar e cooperar com a preservação, é dever de cada cidadão, não só dos povos indígenas.

Para nós, o Grande Guardião dessa Terra está vivo, está com seus olhos abertos para vingar a vida dos seus defensores que passaram a sua existência no cuidado da casa dos seres vivos, pois não é à toa que os povos indígenas e tradicionais vêm alertando acerca da causa pela vida do planeta, sendo que a própria Natureza vem dando sinais e apresentando os graves sintomas de tudo que a humanidade vem lhe causando, há muito tempo. O âmago do ser indígena pulsa pela sintonia, cuidado e equilíbrio em tudo que a Mãe Terra proporciona, protege e interage com os seres, pois, ela sabe que nós dependemos dela; no entanto, a humanidade tem desprezado toda a beleza desse saber e seus valores são trocados por aparências, por ofertas mais fáceis e prazerosas que aparentemente parecem trazer algum benefício, mas que no fundo armam contra a própria existência humana e planetária.

É essencial reconhecer e valorizar o papel dos povos indígenas como guardiões da Natureza. Respeitar os seus direitos territoriais, promover a sua participação ativa, o diálogo inclusivo, e fortalecer suas capacidades, são medidas importantes para a conservação da Natureza e a construção de um futuro sustentável.

Nesse sentido, como representantes dos povos Tariana, temos a honra de anunciar este dossiê especial da Revista Sul-Sul de Ciências Humanas e Sociais sobre a proteção e a preservação do meio ambiente no contexto Sul-Sul Global. Contendo textos que exploram as interconexões entre as comunidades locais e a Natureza, a importância do conhecimento tradicional e o papel das organizações da sociedade civil na defesa do meio ambiente, no combate às alterações climáticas e, sobretudo, no resgate e na reafirmação da importância dos povos originários, a produção é especialmente voltada para o demonstrar ou dimensionar experiências e perspectivas originais sobre os desafios e as estratégias de proteção e preservação do meio ambiente. A leitura dos textos é fundamental porque apresenta questões e experiências na perspectiva do *socioambientalismo*, do *buen vivir* e de *pachamama*.